

Mitologia e Reprodução Textual: a vida dos textos da cultura no espaço da semiosfera*

Vanderlei Dorneles**

Resumo

Este artigo parte da premissa de que os textos religiosos mitológicos se acham encadeados por certos elementos arquetípicos os quais sugerem uma estruturalidade compartilhada. Desta perspectiva, pretende analisar a dinâmica e o processo interativo e dialógico dos textos na semiosfera, conforme as definições da Semiótica da Cultura. Revisa os conceitos de semiosfera, texto da cultura e fronteira para, a partir dessa visão, buscar entender o processo de semiose e de reprodução dos textos e sua mobilidade entre diferentes sistemas da cultura. Compartilha da noção de que os textos literários, religiosos e mitológicos são materiais exemplares para a análise do processo de semiose e entrecruzamento textual. O objetivo ao final da discussão é analisar a recorrência de arquetípicos especialmente nos textos mitológicos, os quais são considerados como elementos encadeadores entre os textos, evidenciado sua origem de protótipos comuns.

Palavras-chave: mitologia; texto da cultura; semiose; semiosfera.

Abstract

This article starts from the assumption that mythological and religious texts keep in common certain archetypal elements that suggest a shared structure among them. From this perspective, it intends to analyze the dynamic, interactive, and dialogical process of the texts inside the semiosphere, according to Semiotics of Culture. It reviews its concepts of semiosphere, text of culture, and boundaries in order to seek, from this perspective, to understand the process of semiosis and reproduction of the texts and their mobility between different systems of culture. It shares the notion that literary, religious, and mythological texts are exemplary materials for the analysis of the process of semiosis and textual intercrossing. The objective at the end of the discussion is to analyze the recurrence of archetypes especially in the mythological texts which show themselves as linking elements between those texts, evidencing their origin from common prototypes.

Keywords: Mythology; text of culture; semiosis; semiosphere.

* Artigo recebido em 28/08/2017 e aprovado em 15/04/2018.

** Doutor em Ciências pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e docente no UNASP, Campus Engenheiro Coelho (SP)

Introdução

O estudo das mitologias levanta uma importante questão acerca da natureza dos textos da cultura e de seu processo de reprodução. Adela Y. Collins (2001, p. 57, 58), em seu estudo dos mitos de combate, com os quais o Apocalipse de João mantém semelhanças, afirma que essas narrativas apresentam formas arquetípicas de “longa história” na cultura da Mesopotâmia. Ela conclui que os diversos mitos de combate em circulação no primeiro século evidenciam um “modelo comum”, o que indica que “derivam de um protótipo comum”.

Eleazar Meletínski (2002, p. 157-158) também defende a ideia de uma matriz arquetípica para as figuras mitológicas. Segundo ele, tanto no mito como no *epos* heroico, na lenda e no conto de magia, todos igualmente ricos em conteúdo arquetípico, os arquétipos evidenciam “transformações”. Porém, mesmo no caso dessas transformações, “o arquétipo originário transparece bastante claramente”, como que permanecendo “depositado no nível profundo da narrativa”. Ele considera os arquétipos como “elementos temáticos” que se constituem em “unidades” de uma “linguagem temática” da literatura universal. Para ele, nos estágios iniciais, esses esquemas se mostram uniformes e, em estágios mais tardios, apresentam variações, as quais, no entanto, se bem analisadas, mostram-se como “transformações originais de alguns elementos iniciais” ou primordiais (2002, p. 19).

Segundo esses autores, os textos de natureza religiosa e mitológica apresentam certos elementos encadeadores, os quais não somente sugerem narrativas originais comuns, mas também levanta a questão acerca do ambiente cultural em que eles emergem e do processo de encadeamento e reprodução desses textos.

Este artigo pretende abordar o processo de encadeamento dos textos da cultura, a partir dessa pressuposição inicial, à luz dos conceitos da Semiótica da Cultura, tendo Iuri Lotman como seu principal articulador. Inicialmente trata do conceito de semiosfera como o *habitat* dos textos da cultura, para em seguida analisar o processo de semiose ou reprodução dos textos dentro desse ambiente semiótico. O foco do estudo incide sobre os textos de natureza religiosa e mitológica, embora os mesmos processos também possam ser verificados em textos da literatura universal.

1. A semiosfera como *habitat* dos textos

O pensador russo Iuri M. Lotman deu importante contribuição para o estudo da cultura como um conjunto de textos organizados de forma sistêmica e dinâmica. Sua visão da cultura como um sistema de textos ligados organicamente tem bases na biologia. Ele tem sido reconhecido pela relevância do conceito de “semiosfera”, bem como pela definição da chamada “semiótica da cultura” e “semiótica do espaço” (ANDREWS, 2003, p. xiv). Durante os estudos secundários, Lotman, que desejava ser biólogo, teve contato com a teoria de Vernadski acerca da “biosfera”. Ao definir a semiosfera como o espaço necessário para o desenvolvimento e a reprodução da cultura, ele tinha em mente não só a biosfera, como espaço da manutenção e reprodução da vida biológica, mas também a “matemática conceitualização do espaço no qual o texto artístico pode ser retomado a qualquer momento” (ANDREWS, 2003, p. 56, 168).

O conceito de semiosfera foi formulado por Lotman em 1984 para designar de fato o “*habitat* e a vida dos signos no universo cultural” (MACHADO, 2007, p. 16). Machado (2007, p. 16) diz que, se a biosfera designa a esfera da vida física no planeta, tal como formulou o geoquímico Vladímir Ivánovich Vernádski (1863-1945), para Lotman, a semiosfera designa “o espaço cultural habitado pelos signos”. Assim, a semiosfera seria um “grande sistema” ou um “universo semiótico”, constituído pelos mais diversos signos, textos e linguagens da cultura (LOTMAN, 1996, p. 22). Trata-se de “um conjunto de textos distintos e de linguagens entrelaçados uns com os outros” (1996, p. 23-24), a exemplo da vida física no espaço da biosfera.

Com esse pano de fundo das ciências físicas, Lotman (1996, p. 102) considerou que a cultura humana não é uma “acumulação desordenada de textos”. Para ele, a cultura não é composta de peças isoladas e independentes, mas “um sistema operante complexo, hierarquicamente organizado”. Além dessa ideia de sistema e interdependência, ele também viu uma unidade estrutural na diversidade da cultura. Para ele, o conjunto da cultura, ou o “espaço semiótico” pode ser considerado como um “mecanismo único” ou mesmo como um “organismo”, com certos mecanismos de reprodução e equilíbrio. Nessa base, ele definiu a “semiosfera” como o espaço semiótico fora do qual “não é possível a existência da semiose”, ou dos processos de produção de textos e reprodução da cultura (LOTMAN, 1996, p. 24).

Nessa perspectiva, Lotman propôs que a cultura em sua totalidade pode ser considerada como um texto complexo, diversificado, mas organicamente conectado. Esse

texto complexo se “decompõe em uma hierarquia de textos”. Ele acrescenta ainda que a própria palavra “texto” encerra em sua etimologia o significado de “entrelaçamento” e “rede”, o que permite dizer que sua teoria entende o vocábulo “texto” em seu sentido original (LOTMAN, 1996, p. 109).

A noção de organicidade e reprodutibilidade entre os textos na semiosfera torna clara a dependência desse conceito semiótico em relação às ciências naturais. Vernadski definia a biosfera como um “espaço completamente ocupado pela matéria viva”. Essa “matéria viva”, escreveu ele, “é um conjunto de organismos vivos” (apud LOTMAN, 1996, p. 23). Nessa base, quando Lotman compara os textos com os organismos vivos, ele também entende os textos como portadores de um tipo de “vida” e conseqüentemente de inteligência. A vida dos textos depende de eles estarem inseridos na semiosfera e em contato com outros textos, como um grande organismo interligado e interdependente.

Os textos e os sistemas da cultura não possuem em si mesmos capacidade para funcionar ou provocar modelização, seu processo vital como textos da cultura. Para exercer esse papel, precisam ser dotados de uma “linguagem secundária” que os transforma em textos da cultura e sistemas da cultura, capazes de modelização. Além de ser codificado numa linguagem secundária da cultura, Lotman (1996, p. 22, 23) diz que os textos ou sistemas “só funcionam estando submergidos em um *continuum* semiótico [a semiosfera], completamente ocupado por formações semióticas de diversos tipos e que se acham em diversos níveis de organização”. É somente dentro desse espaço que pode ocorrer a realização dos processos de comunicação e a “produção de nova informação”.

Desta forma, Lotman desenvolveu uma visão sistêmica da cultura, na qual os textos não são peças isoladas, mas partes de um todo, integrados em sistemas de significação, denominados linguagens secundárias ou sistemas modelizantes. Com essa referência biológica, a Semiótica Russa enfatiza o caráter orgânico e sistêmico da cultura. A cultura é vista como um “organismo”, composto de órgãos vivos e operantes, que são os textos (LOTMAN, 1996, p. 31). No processo de reprodução da cultura, os diversos textos estão em constante interferência e entrecruzamento, ou em constante processo de modelização. A noção de “modelização”, no campo da cultura, designa “processos de regulação de comportamento dos signos para constituir sistemas”, sendo por isso entendida como “um programa para análise e constituição de arranjos” e não a “simples reprodução de um modelo” (RAMOS et al, 2007, p. 29).

Lotman tem em mente um conceito amplo de “texto” (do latim *textu*, “tecido”; do verbo *tecitere*, “tecer”). Para ele, rituais, mitos, literatura, obras de arte, produções cinematográficas, documentos e discursos históricos são todos “textos da cultura”, na medida que, em seu processo de significação, esses textos incorporam uma segunda linguagem, de natureza cultural (1996, p. 78). Tudo que é *tecido*, sintetizado, produzido pela mente e que trata da condição humana, sendo capaz de comunicar uma mensagem, gerar informação e preservar a memória, constitui-se num texto da cultura. Como elementos vivos e dinâmicos, os textos *habitam* um espaço semiótico, um “reino de signos”. Dentro desse reino chamado “semiosfera”, cada sistema da cultura opera dialogicamente frente aos demais, numa troca constante de informação sígnica através das fronteiras. Uma vez que Lotman de fato concebe a semiosfera como um *espaço*, ele enxerga nela diversas *fronteiras*, as quais, ao mesmo tempo, separam e colocam em contato os sistemas que a compõem. A periferia de cada sistema é a “região de maior atividade semiótica, onde o contato entre culturas muito diferenciadas ocorre livremente” (RAMOS et al, 2007, p. 35).

A troca sígnica constante e o processo dinâmico de semiose no interior da semiosfera justificam o “dialogismo” como princípio fundamental na metodologia de Lotman. Por isso, ele mantém “vínculos estreitos com a abordagem bakhtiniana” (TOROP, 2007, p. 48). O diálogo entre os textos é a condição para o processo de semiose e modelização, na produção de novos textos, numa espécie de *reprodução sexuada*, a partir da aproximação de dois elementos capazes de certo *sincretismo*, ou permuta de informação.

Lotman emprega expressões como “espaço”, e outros, “reino”, para descrever a semiosfera. Mandelker considera a ideia de Lotman sobre semiosfera como uma “metáfora” baseada nos “princípios de biologia celular, química orgânica e neurologia” (apud ANDREWS, 2003, p. 169). No entanto, Ramos et al (2007, p. 34) propõem que, quando emprega o termo “semiosfera”, por analogia com a biosfera de Vernadski, Lotman não o emprega como uma “simples metáfora, não se trata de um termo tomado em sentido figurado, uma alegoria”. O próprio Lotman afirma que “estamos tratando com uma determinada esfera que possui os traços distintivos que se atribuem a um *espaço* fechado em si mesmo. Somente dentro de tal *espaço* é possível a realização dos processos comunicativos e a produção de nova informação” (1996, p. 23, *itálicos do autor*).

Ramos et al dizem que a semiosfera poder ser vista como um “ambiente no qual diversas formações semióticas se encontram imersas em diálogo constante”, um tipo de “espaço-tempo”. A existência desse espaço “antecede tais formações e viabiliza seu funcionamento, enquanto torna possível o seu próprio ciclo vital”. Eles afirmam não ser por acaso que “uma das figuras mais utilizadas para representar esse espaço seja justamente uma imagem biológica, a célula e suas estruturas de funcionamento” (2007, p. 34). Na semiosfera, os textos e os elementos da cultura são, portanto, vistos como órgãos vivos e dinâmicos a exemplo das células e órgãos de um corpo vivo.

A semiosfera, portanto, é entendida como um organismo “vivo, dinâmico, ativo, um organismo complexo e multifacetado”, que, porém, “exibe uma unidade, um mecanismo de funcionamento interativo que atua nos diversos sistemas que dela fazem parte”. Desta forma, a semiosfera garante “a multiplicidade, a diversidade dos sistemas culturais que a compõem, pois cada cultura opera dialogicamente frente às demais, contaminando essas e aquelas e permitindo-se contaminar por outras” (RAMOS et al, 2007, p. 35).

Pensando da perspectiva da semiótica pragmática de C. S. Peirce, a qual extrapola o contexto da cultura para incluir a natureza, Lucia Santaella propõe que o termo “semiosfera”, de “maravilhosa adequação”, caracteriza o “reino dos signos”, no qual estes são concebidos em “bases materiais” (2007, p. 113). Ela afirma que, para Peirce, “os signos não são privilégio do pensamento e cultura humanos, mas estão presentes e operativos na natureza não apenas biológica, como também no mundo puramente físico” (2007, p. 114). Ela argumenta que os signos, como portadores de informação, permeiam toda a vida dos seres inteligentes e não inteligentes. Entre as mais diversas formas de vida há interações constantes e formação de novos textos ou mensagens.

As afirmações de Santaella tornam ainda mais concreta a ideia de Lotman acerca da semiosfera, embora ele esteja falando somente da cultura e não da natureza como um reino de signos. Santaella chega a uma comparação entre as ideias e os vírus. “As ideias seriam, portanto, *seres* nas fronteiras cerebrais da vida, tal como são em outra fronteira, os vírus. Estes, como as ideias, são seres capazes de se auto-reproduzir, desde que parasitem um organismo.” Seguindo na sua analogia, ela diz que “tal como as ideias, os vírus também transitam de um sistema vivo para outro, fixam-se eventualmente sobre um código genético, tal como as ideias sobre um código cultural, para nele traduzirem uma informação criadora ou mortal.” Porém, ressalta ela, ao contrário dos vírus, “as ideias

unem-se, reúnem-se em sequências organizadas, tornam-se mitos, ideologias, seres antropomorfos, o que as torna ainda mais semelhantes aos seres vivos do que os vírus”. Assim, diz ela, é possível considerar “as ideias, os mitos, os deuses como existentes, tendo uma relativa autonomia” (SANTAELLA, 2007, p. 120).

De fato, os vírus e as células dos organismos vivos portam e comunicam informações genéticas, são capazes de produzir novos seres e preservam uma memória dessas informações, as três características de Lotman para identificar um texto. Nesse caso, as células e os textos mantêm um amplo paralelo, embora as primeiras obedeçam a simples leis latentes em suas próprias informações genéticas, enquanto que os “textos” são produzidos por agentes voluntários e relativamente livres, o que atribui ao processo de semiose uma complexidade e uma imprevisibilidade muito maiores.

Assim, a semiosfera de Lotman mantém referências claras com a biosfera, sendo ambas espaços vitais para a manutenção de reprodução de seus elementos orgânicos. Desta forma, os textos, assim como os organismos vivos, dependem de contatos e conexões vivas entre si no *continuum* semiótico para que possam se reproduzir e gerar novas informações.

2. O dinamismo vivo dos textos

A partir da noção da semiosfera como *habitat* dos textos, e dos textos como elementos vivos nesse espaço, podemos considerar o processo vital e reprodutivo dos textos. Lotman (1996, p. 86-69) propõe três principais funções do texto da cultura: (1) comunicação de informação, (2) geração de sentidos ou de textos novos e (3) a preservação da memória textual. Todo produto da cultura capaz desses processos semióticos pode ser considerado um texto da cultura. Como visto, o texto não pode cumprir suas funções a menos que esteja inserido na semiosfera e que esteja em contato com outro texto.

Para que um texto opere suas funções precisa “aceitar a inclusão de [diálogo com] outro texto, outro mecanismo inteligente, seja em forma de leitor, de investigador, de contexto cultural”. Uma vez que o texto é visto como uma “persona semiótica” ou “consciência semiótica”, ele passa a trabalhar “quando se conecta com outro texto, outra consciência semiótica, que interage de formas muito diferentes, que pode ser ou não homogêneo com o primeiro e que pode ‘traduzi-lo’” (ARÁN, 2007, p. 150). Um diálogo entre duas plataformas textuais é a condição para o processo semiótico do texto. Ramos

et al (2007, p. 31) dizem que o “texto é um espaço semiótico em que há interação, onde as linguagens interferem-se e auto-organizam-se em processos de modelização”.

Lotman (1996, p. 101-102) fala do processo de reprodução dos textos em um ensaio intitulado “O texto no texto”. Na recepção de um texto pelo destinatário ou em um contexto distinto, em que uma nova configuração cria condições para uma leitura do texto, o que será lido será sempre uma *nova* mensagem, produzida pela aproximação entre o texto original e uma memória destinatária. Lotman (1996, p. 99) explica que “o texto como gerador de sentido, como dispositivo pensante, necessita, para ser posto em ação, de um interlocutor”. Segundo ele, nesse ponto se manifesta a “natureza profundamente dialógica da consciência”. Assim, “para trabalhar, a consciência necessita de uma consciência; o texto, de um texto; a cultura, de uma cultura”. Por isso, “a inserção de um texto externo no mundo imanente de determinado texto desempenha um papel decisivo” no processo semiótico. “De um lado, no campo estrutural de sentido do texto, o texto externo se transforma, formando uma nova mensagem”.

No entanto, embora um texto novo sempre seja produzido pelo contato entre dois textos, esse novo texto manterá sempre certas informações dos textos originais. É nesse sentido que ao preservar a memória da cultura, o texto cumpre sua terceira função. Lotman (1996, p. 89) diz que podemos comparar os textos com as “sementes das plantas”, e não só metaforicamente, pois eles são capazes de “conservar e reproduzir o conteúdo de estruturas precedentes”. Neste sentido, os textos tendem à “simbolização”. Os símbolos adquirem uma grande autonomia em seu contexto cultural e funcionam não só no corte sincrônico da cultura, mas também nas verticais diacrônicas desta. “O símbolo separado atua como um texto isolado que se translada livremente no campo cronológico da cultura”. Ramos et al (2007, p. 32) dizem que, como as sementes, os textos são capazes de “conservar e reproduzir a lembrança de estruturas anteriores e, ao mesmo tempo, produzir algo novo”.

Lotman (1996, p. 82) explica que os textos, obtendo formações mais “estáveis e delimitadas”, tendem a passar de um contexto a outro, “como ocorre em comum com as obras de arte relativamente longevas”, que são traduzidas a outro contexto cultural e se comportam como um “informante transladado a uma nova situação comunicativa”. Nesse processo, elas “atualizam aspectos antes ocultos de seu sistema codificante”. Ele chega a dizer que o texto, “ao volver-se semelhantemente a um macrocosmo cultural”, adquire certa autonomia e se torna mais importante que ele mesmo, com “traços de um modelo

da cultura”, e por outro lado tende a realizar uma conduta independente, ao “volver-se semelhante a uma pessoa autônoma”. Ramos et al (2007, p. 35) diz que os componentes, ou “genes”, de determinado “sistema de comunicação” se agrupam e se organizam de forma particular em cada cultura. Eles formam verdadeiros “genomas” e podem se repetir, transportar-se e migrar de “cultura em cultura, atualizando assim a memória da cultura”. Na semiosfera, “a temporalidade é constituída por essa memória que dialoga a cada instante com o antigo, atualizando-o e interagindo com o novo, lançando constantemente fragmentos, textos, códigos e linguagens para o futuro”.

A exemplo do mundo físico em que a união de dois genes forma um terceiro ser, diferente dos doadores anteriores, na semiosfera, os processos também não são previsíveis. Os textos ou sistemas da cultura entram em contato por meio dos filtros esgarçados das fronteiras e trocam informações de forma semiótica, não linear. Ramos et al (2007, p. 38) dizem que a tradução, como função da fronteira, é “um processo modelizante e, enquanto tal, recodifica o sistema ao modeliza-lo numa outra configuração”.

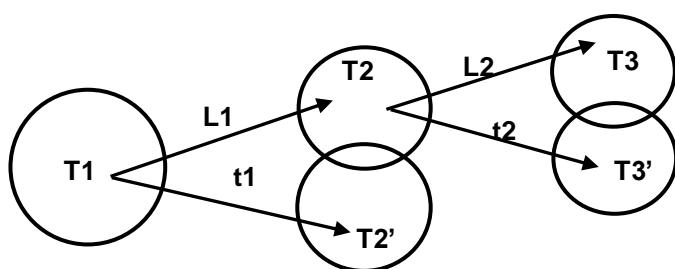
Lotman (1996, p. 89) acentua ser evidente que o texto por si só não pode gerar nada. Ele precisa entrar em relações com um “auditório” para que se realizem suas possibilidades gerativas. É uma mudança de contexto ou o contato com outros textos que provoca a geração de novos textos. “O contato com outra cultura desempenha o papel de um ‘mecanismo de arranque’ que põe em marcha processos gerativos.” Nesse sentido, Lotman (1996, p. 90) afirma que “a memória do homem que entra em contato com o texto pode ser considerada como um texto complexo; o contato com tal memória conduz a mudanças criadoras na cadeia informacional”.

Nessa perspectiva, o texto da cultura, sendo heterogêneo, é capaz de entrar em complexas relações “tanto com o contexto cultural circundante quanto com o público-leitor”, deixando de ser uma simples mensagem elementar dirigida do destinador ao destinatário. Ao desenvolver a capacidade de condensar informação, o texto *adquire memória*. Lotman (1996, p. 80, 82) diz que em tal “estádio de complexificação estrutural o texto mostra propriedades de um dispositivo intelectual”: não só transmite a informação depositada nele, mas “transforma mensagens e produz novas mensagens”.

O processo reprodutivo dos textos, portanto, só pode ser colocado em ação mediante “o contato entre pelo menos dois textos, os quais interagem e geram novas informações”. O outro texto, que entra em contato com o “texto-mãe”, pode ser a memória

do leitor, um novo contexto cultural ou um texto como tal. Assim, “o texto será sempre precedido por outro texto primeiro, uma cultura será precedida de outra cultura primeira”. Do contato de ambos nasce um terceiro texto, num processo semiótico. A questão, no entanto, acerca do *primeiro texto* “pertence à mitologia e não se resolve dentro dos limites da ciência” (LOTMAN, 1996, p. 90).

Este processo reprodutivo pode ser representado da seguinte forma, em que “T” é um texto primário, “L” é um leitor ou contexto dotado de memória e “t” é um texto secundário e T2 é um novo texto e assim por diante:



Adaptado de LOTMAN, 2000, p. 14-15.

Os textos, portanto, a exemplo dos seres vivos, entram em processo de interação e trocam informações para a geração de novos textos, novas informações segundo as configurações do contexto dessa interação. Além disso, Lotman (1996, p. 92) afirma que os textos se reproduzem e se multiplicam “infinitamente”.

3. Espaços de interação e reprodução

Lotman concebe o espaço de interação entre os textos para a geração de novos textos como uma “fronteira”, a qual equivale em sua noção espacial à periferia dos sistemas da cultura. Ali ocorre o contato e o processo de diálogo e *contaminação* entre os textos de diferentes sistemas da cultura. Ele considera a noção de fronteira entre os sistemas da cultura como “um dos conceitos fundamentais” de toda a teoria da Semiótica da Cultura. “A fronteira semiótica é a soma dos tradutores-‘filtros’ bilíngues, através dos quais um texto se traduz a outra língua (ou linguagem) que se acha fora da semiosfera em questão” (LOTMAN, 1996, p. 24).

Lotman (1996, p. 26) explica que a fronteira é um “mecanismo bilíngue” que traduz mensagens externas à linguagem interna da semiosfera, e vice-versa. Assim, a função da fronteira não é só separar e restringir a “penetração do externo no interno”, mas

sobretudo “filtrar e elaborar adaptativamente” a partir do contato dos textos. Ele afirma que todos os mecanismos de tradução que estão a serviço dos contatos externos pertencem à estrutura da fronteira da semiosfera. As fronteiras são regiões caracterizadas por mesclas culturais. São exemplos delas: escolas, cidades, feiras e vias comerciais, entre outras. A fronteira possui ainda a função de controle de “processos semióticos acelerados que sempre transcorrem mais ativamente na periferia da *oikumena* cultural, para de ali dirigir-se às estruturas nucleares e desalojá-las” (LOTMAN, 1996, p. 28). Esse papel da fronteira, ao esgarçar-se grandemente, coloca em curso as chamadas “explosões culturais”, em que um volume elevado de interações toma lugar e a produção de textos novos se acelera, desencadeando grandes mudanças culturais.

Lotman desenvolve também a ideia da chamada “explosão cultural”, na qual irrompe a força determinante de certos textos geradores, os quais podem emergir das periferias ou fronteiras da cultura e se dirigem ao centro da mesma, num movimento de grandes proporções. “No século 20, temos sido testemunhas da poderosa irrupção de textos de culturas arcaicas e do primitivo na civilização europeia”. Nesses contextos de explosão, entra em ação uma verdadeira “cordilheira textual ‘madre’”, um texto gerador mais determinante e matricial (LOTMAN, 1996, p. 100, 101).

Assim, as fronteiras, por vezes, ao se tornarem mais “esponjosas”, nos limites das diferentes culturas, possibilitam as chamadas “contaminações” entre os textos e o decorrente processo de “reprodução” de forma acentuada. Os textos que estão próximos às fronteiras têm estruturalidade mais frágil dentro da memória dos sistemas. Desta forma, os novos textos surgem nas fronteiras ou periferias que estão menos formalmente organizadas que os centros hierárquicos, onde predominam as estruturas mais fortes, construções mais arraigadas de todas as culturas ou sistemas.

As chamadas “contaminações” no espaço fronteiro são encontros dialógicos entre os dois ou mais sistemas da cultura. Há elementos mais homogêneos que produzem hibridização, e os heterogêneos tendem a se conformar e oferecer a possibilidade de novos textos com novos significados. Lotman (1996, p. 36) diz que “a possibilidade de diálogo pressupõe tanto a homogeneidade quanto à heterogeneidade dos elementos”; e que, deste ponto de vista, “a diversidade estrutural da semiosfera constitui a base do seu mecanismo”. Ele explica que, por uma parte, os sistemas não são idênticos e emitem textos diferentes, e, por outra, se transformam facilmente um em outro, o que lhes garante uma traduzibilidade mútua. “Assim, podemos dizer que, para que seja possível o diálogo,

os participantes devem ser diferentes e, cada um, ter em sua estrutura a imagem semiótica da sua contraparte” (LOTMAN, 1996, p. 37).

As fronteiras, portanto, são os espaços marginais dos sistemas da cultura onde o processo de interação e contaminação entre os textos ocorre sob o controle dos filtros, mais ou menos esponjosos. Essa contaminação produz novos textos, os quais, no entanto, atualizam e preservam a memória dos textos anteriores.

4. Modelização e texto-mãe

Para a Semiótica da Cultura, são três os principais tipos de linguagem: (1) línguas naturais ou idiomas; (2) línguas artificiais, as linguagens das descrições científicas ou metalinguagens; e (3) linguagens secundárias ou sistemas de modelização secundários (arte, mito, religião), que se sobrepõem às linguagens naturais (LOTMAN, 1978, p. 37).

O interior da semiosfera é habitado pelos textos da cultura, codificados em pelos menos duas linguagens e capazes de modelização. No entanto, os textos não estão dispersos na semiosfera, eles se apresentam organizados em termos de sistemas, os chamados sistemas da cultura ou sistemas modelizantes, ou ainda linguagens secundárias. Lotman (1978, p. 45) diz que a linguagem secundária ou sistema modelizante é uma estrutura inerente ao texto e que o precede. Há, porém, uma relação dialética entre o texto e a linguagem modelizante. As linguagens modelizam textos, e os textos constroem linguagens.

Lotman emprega diversas expressões ao caracterizar esse tipo de mecanismo: “sistema semiótico”, “linguagens secundárias” como a arte e a religião (1978, p. 38, 82), “sistema comunicativo” (1981, p. 123), “estrutura” ou “metatextos” ou ainda “textos encadeados” ou “entrecruzados” (1978, p. 40), “concepção de mundo” (1978, p. 85), “visão de mundo” (1978, p. 82) e “modelo de realidade” (1978, p. 40). Um exemplo do que é um sistema modelizante é dado ao ele tratar do *teocentrismo* como o sistema da cultura da Idade Média. Lotman (1981, p. 105, 109) o define como a “consciência medieval”, “modelo medieval do mundo” e “visão medieval do mundo”. Ele se refere ainda à estrutura artística do romantismo como a “consciência romântica” (1978, p. 82), e ao Iluminismo como “sistema semiótico”, “sistema da cultura” e “sistema comunicativo” (1981, p. 123). Referindo-se a uma linguagem secundária, Lotman (1981, p. 102) usa ainda a expressão “modelos do mundo”, os quais são forjados pelas forças sociais dominantes em situações de conflitos.

Segundo essa ótica, sistemas de pensamento, religião, literatura, arte, cinema e textos midiáticos são linguagens próprias ou possuem linguagens próprias, o que os caracteriza como sistemas capazes de produzir modelização. Lotman (1978, p. 53) explica que possuir uma linguagem própria significa ter “um determinado conjunto fechado de unidades significativas e de regras para a sua combinação, que permitem transmitir certas informações”. Assim, para a Semiótica da Cultura, os sistemas da cultura ou linguagens secundárias estão estruturados nos textos e eles mesmos não podem transmitir sua informação independentemente dessas linguagens. Essa linguagem precisa ser encontrada nos labirintos dos textos e são elas que permitem ao texto ser interpretado e produzir modelização, ou seja, gerar novos textos.

Nessa perspectiva, o sistema da cultura e/ou sistema modelizante é uma linguagem secundária, visão de mundo ou modelo de realidade, uma maneira de ver o mundo, um sistema de crenças ou mesmo uma religião ou mitologia. Para se constituir numa linguagem, o sistema deve apresentar um corpo de regras para a leitura de seus textos. Esse conjunto de regras próprio do sistema modelizante se diferencia das regras gramaticais da língua natural, idioma ou sistema primário (LOTMAN, 1978, p. 37). Dada a sua natureza cultural, os sistemas modelizantes são muito mais dinâmicos do que a língua natural. Eles alternam-se, entrecruzam-se, integram-se e reproduzem-se constantemente, materializando em forma de textos os movimentos da cultura.

Os sistemas modelizantes, portanto, representam estruturalidades, em cuja superfície se encontra a língua natural, o idioma. Porém, abaixo desse nível, em sua infraestrutura, o sistema evidencia uma estrutura complementar, secundária, de tipo “ideológico, ético, artístico ou de qualquer outro tipo” (LOTMAN, 1978, p. 79).

Os sistemas são classificados em dois tipos principais: os de transcodificação interna e externa. Os sistemas de transcodificação interna elaboram sua significação não por meio da aproximação de duas cadeias de estruturas, “mas de modo imanente, no interior de um sistema”. A significação resultante será de natureza relacional, exprimindo a conexão dos elementos do sistema uns com os outros. As significações imanentes relacionais se manifestam de modo particularmente nítido “nos sistemas semióticos secundários que reivindicam a universalidade, um açambarcamento monopolizador de toda uma visão do mundo, uma sistematização de todo o real dado ao homem”. Essa é uma noção muito forte nos sistemas de natureza religiosa ou nas mitologias. Por isso, são

comuns nesses sistemas as cadeias de oposições binárias, como “luz-trevas” (LOTMAN, 1978, p. 79, 81, 82).

Lotman afirma que uma característica forte de toda cultura de orientação mitológica é o surgimento de um vínculo intermediário entre as linguagens e os textos, o chamado “texto-código”. Segundo ele, “esse *texto* pode cair no domínio dos mecanismos subjetivos inconscientes que não obtêm uma expressão direta, mas que se realizam em forma de variantes em textos de um nível mais baixo na hierarquia da cultura”. O texto-código não é uma “coleção de regras abstratas” para a construção de textos, mas “um todo construído sintagmaticamente, uma estrutura organizada de signos”. Sendo que “cada signo do código-texto pode apresentar-se em forma de um paradigma” (LOTMAN, 1996, p. 95).

Devido às origens judaicas de Lotman, é possível que ele tivesse em mente não só as mitologias universais como esse modelo intermediário entre a linguagem e os textos, o chamado “texto-código”, mas também as escrituras judaico-cristãs, das quais emergem diversos signos que assumem o status de paradigmas, como a noção de criação, paraíso, queda e redenção, por exemplo. A esse “Texto”, extremamente determinante, se encontram diretamente entrecruzados “muitos outros”, e ele mesmo pode também ser estratificado em uma “multidão de textos” (LOTMAN, 1996, p. 101).

5. Arquétipos e textos mitológicos

A Semiótica da Cultura também se interessa pelo estudo dos mitos como formatos e *narrativas* arquetípicas que se reproduzem, contextualizados, nos textos da cultura. Os mitos não são vistos como formas próprias de culturas primitivas, mas como textos que continuam expressivos nas culturas técnicas e modernas. Lotman, Uspenskij e Ivanov (1978, p. 133) consideram os mitos como fenômenos paradoxais da consciência, não necessariamente primitivos. Para eles, o pensamento mitológico coexiste com o lógico e descritivo. Os semioticistas da cultura também não veem os mitos como suportes existenciais em primeiro lugar, mas como textos da cultura, como materialidade de linguagem capazes transmitir informação e modelizar ou produzir novos textos.

Na compreensão de Lotman, os “textos privilegiados” para o estudo semiótico são os que cumprem uma “função ativa no mecanismo da cultura”. Esses textos não são meros suportes de informação, mas “geradores de um modelo de mundo e se organizam enquanto sistemas”. São eles, “os rituais, as mitologias, as religiões, os jogos e, especialmente, os textos artísticos (verbais e não-verbais)”, aos quais dedica um lugar

fundamental em seus estudos” (apud ARÁN, 2007, p. 149). Zalizniák et all (1979, p. 81) acrescentam que “os sistemas sgnicos da religião” têm uma “capacidade máxima de modelizao”, sendo considerados textos exemplares para estudo à luz da Semiótica da Cultura.

Lotman, Uspenskij e Ivanov (1978, p. 133, 141) se interessaram pelo estudo de certos elementos do pensamento mitológico no comportamento linguístico quotidiano das sociedades modernas, nas quais muitas vezes textos mitológicos, sofrendo mutações, cumprem a função de metatexto ou metalinguagem, o que, segundo eles, provoca a reprodução do mito fora da consciência mitológica (1978, p. 142-143).

Nessa linha de pensamento, analisando a relação entre mito e literatura do ponto de vista “evolutivo”, Lotman e Mints (1996, p. 191) afirmam que a literatura trata com “formas destruídas, vestigiais do mito e contribui ativamente ela mesma para esta destruo”. Eles explicam que algumas obras da arte “neomitolgica” desempenham função semelhante aos “mitos” antigos. Na forma de “mitologemas”, ocorrem certas “citações e paráfrases desses textos” nos textos artísticos, principalmente de tipo narrativo (1996, p. 212). Segundo eles, nessa perspectiva, o texto mitológico se reproduz em textos posteriores como na imagem de um “repolho”, onde “cada folha repete com certas variações todas as demais, e a repetição infinita de um mesmo núcleo de sujeito profundo se enrola num todo aberto a novos crescimentos” (1996, p. 194). Nesse sentido, um tema como o do “combate” (COLLINS, 2001) ou do “heroi” (MELETÍNSKI, 2002) permanece como uma matriz arquetípica, mas sujeito a variações e adaptações nos diferentes contextos de sua reprodução.

Meletínski (2002, p. 157-158) favorece a ideia de uma matriz arquetípica para as figuras mitológicas a qual se desdobra e sofre variações e contextualizações ao longo de uma cadeia de textos.¹ Segundo ele, como elementos encadeadores dos textos mitológicos, os arquetpos sofrem certas “transformações” e adaptações, mas “o arquetpo originário transparece bastante claramente nos textos posteriores por eles modelizados. Ele como que permanece “depositado no nível profundo da narrativa”. Meletínski se empenhou no estudo das chamadas “estruturas mentais da humanidade”, em particular  análise da teoria dos arquetpos, tomados dentro da acepção clássica junguiana,  qual,

¹ O conceito de “arquetpo”, introduzido na ciência contemporânea por Jung, aponta para “certos esquemas estruturais, pressupostos estruturais de imagens (que existem no âmbito do inconsciente coletivo e que, possivelmente, sejam herdados biologicamente) enquanto expressão concentrada de energia psíquica, atualizada em objeto” (apud MELETÍNSKI, 2002, p. 20).

porém, faz uma série de modificações. Ele desenvolveu sua compreensão dos arquétipos estudando-os no campo da literatura, em *Os Arquétipos Literários* (2002). Meletínski (2002, p. 22) se distancia de Jung, especialmente quando o psicanalista considera em primeiro lugar os arquétipos como “imagens, personagens, papéis a serem desempenhados e, apenas em medida muito menor, temas”.

Meletínski (2002, p. 39) considera os mitos como narrativas arquetípicas acerca da origem das coisas, apontando, portanto, para narrativas primordiais ou originais. Na Semiótica da Cultura, o mito é entendido como “relato de um acontecimento ocorrido no tempo primordial”, que se repete através dos textos da cultura, na medida em que o mundo precisa de um constante reordenar e recosmicizar. Nesse processo de modelização, por parte dos arquétipos, os mitos migram dentro da semiosfera, através das fronteiras e tendem a se reproduzir em diferentes contextos, preservando elementos originais, mas adaptando-se em novos textos e contextos.

Assim, os mitos são textos da cultura, capazes de processos de modelização. São linguagens secundárias e se organizam em certos sistemas da cultura, entre os quais as fronteiras também funcionam como filtros tradutores, permitindo o movimento dos textos no interior da semiosfera.

Conclusões

Conforme a compreensão da Semiótica da Cultura, a semiosfera é um espaço em que vivem, interagem e se reproduzem os textos da cultura. Os textos não só portam informação, mas são capazes de se reproduzir, gerando novos textos, e de preservar a memória da cultura. A referência da biologia como a contraparte analógica da semiosfera permite ver os textos não só como órgãos vivos de um sistema integrado, mas como elementos capazes de reprodução por interação.

As fronteiras da semiosfera, como mecanismos de separação e mediação da relação entre os textos, é o espaço de maior interação e “contaminação”, processo semiótico pelo qual os textos se reproduzem e chegam a migrar de sistema em sistema da cultura no interior da semiosfera.

Os textos mitológicos, como objetos de estudo da Semiótica da Cultura, não podem ser vistos como elementos isolados e dispersos entre as culturas, mas como órgãos vivos capazes de comunicar e preservar a memória das culturas. Nessas memórias preservadas, destacam-se os elementos arquetípicos como encadeadores dos diversos textos mitológicos, os quais se reproduzem infinitamente em forma de certas famílias de

narrativas, como a linhagem dos mitos de combate e os do herói referidos por Collins e Meletínski.

Referências

ANDREWS, Edna. *Conversations with Lotman: Cultural Semiotics in Language, Literature, & Cognition*. Toronto: University of Toronto Press, 2003.

ARÁN, Pampa Olga. O (im)possível diálogo Bakhtin-Lotman para uma interpretação das culturas. MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. 145-156.

COLLINS, Adela Yarbro. *The Combat Myth in the Book of Revelation*. Eugene, OR: Wipf and Stock Publishers, 2001.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Trad. M.C.V. Raposo e A. Raposo. Lisboa: Estampa, 1978.

LOTMAN, Iuri. *La semiosfera: semiótica de la cultura e del texto*. Tradução de Desiderio Navarro. Vol. I. Madri: Frónesis Cátedra/Universitat de Valencia, 1996.

LOTMAN, Yuri. *Universe of the Mind: A Semiotic Theory of Culture*. Trad. Ann Shukman. Indianápolis. In: Indiana University Press, 2000.

LOTMAN, Iuri; e MINTS, Zara G.. Literatura e mitologia. In: LOTMAN, Iuri. *La semiosfera: semiótica de la cultura e del texto*. Tradução de Desiderio Navarro. Vol. I. Madri: Frónesis Cátedra/Universitat de Valencia, 1996. 190-213.

LOTMAN, Iúri; Uspenskij, Boris; Ivánov, V. (1981). *Ensaio de semiótica soviética* (V. Navas & S.T. de Menezes) Lisboa: Horizonte, 1981.

MACHADO, Irene. Por que semiosfera? In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. 13-23.

MELETÍNSKI, E. M. *Os arquétipos literários*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2002.

RAMOS, Adriana Vaz, et al. Semiosfera: exploração conceitual nos estudos semióticos da cultura. In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. 28-44.

SANTAELLA, Lucia. O conceito de semiosfera à luz de C. S. Pierce. In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. 113-123.

TOROP, Peter. Semiosfera como objeto de pesquisa na semiótica da cultura. In: MACHADO, Irene (org.). *Semiótica da cultura e semiosfera*. São Paulo: Annablume, 2007. 45-56.

ZALIZNIÁK, A. A. et al. Sobre a possibilidade de um estudo tipológico-estrutural de alguns sistemas modelizantes. In: SCHNAIDERMAN, Boris (org.). *Semiótica russa*. São Paulo: Perspectiva, 1979.